



O DEVANEIO EM *ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS*, DE LEWIS CARROLL

Tiago Rodrigo Tafarel

Graduando em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

E-mail: ttafarel.oliveira@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho contemplará uma análise da obra *Alice no País das Maravilhas* de Lewis Carroll. Nosso objetivo é observar e discutirmos acerca do *devaneio* da personagem Alice, buscamos analisar e comparar *sonho* e *devaneio* e, assim, elencar as principais diferenças entre ambos, por fim, dizermos o que de fato Alice tivera: um sonho, meramente comum ou um devaneio do sonhador. Para a elaboração do trabalho usaremos como aporte crítico-teórico a obra *A poética do Devaneio*, de Gaston Bachelard.

Palavras-chave: Fantasia; devaneio; Lewis Carroll; sonho.

THE DEVANCE IN ALICE IN THE WONDERLAND, BY LEWIS CARROLL

ABSTRACT

The present work will contemplate an analysis of Lewis Carroll's *Alice in Wonderland*. Our goal is to observe and discuss the daydream of the character Alice, we seek to analyze and compare dreams and daydreams and, thus, list the main differences between both, finally, say what Alice actually had: a dream, merely common or a daydream of the dreamer. For the elaboration of the work we will use as a critical-theoretical contribution the work *The poetry of Reverie*, by Gaston Bachelard.

Keywords: Fantasy; daydream; Lewis Carroll; dream.

INDAGAÇÕES, CONFRONTOS E INCERTEZAS: PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Falar de *Alice no País das Maravilhas* é falar de fantasia, de “loucura” também, mas de que loucura estaríamos falando? Seria a pequena Alice uma garotinha louca nos aspectos



do campo psicológico? Ou é uma dessas “loucuras” metafóricas que hora e outra dizemos para classificar uma atitude ou situação fora do que chamamos de “normal”? E o que tem de “normal” na obra? São muitas as perguntas que nos sobrevêm quando pensamos em Alice, e responder a estas indagações é o que tentaremos fazer ao longo deste trabalho.

Questionar é sem dúvida o que Alice mais faz, a pequena tem inúmeras e as mais variadas indagações, e se pararmos para observar o ato de questionar faz parte do mundo das crianças. Ao construir uma personagem questionadora, Carroll dá à personagem mais veracidade com esta característica. São vários os adjetivos que poderíamos dar a Alice, talvez “curiosa” seja o mais enfático de todos.

A personagem de Carroll trata-se de uma criança ainda nos primeiros anos de vida, mas de uma criticidade estarrecedora. Alice com suas indagações exprime críticas bastante coerentes, nos fazendo pensar acerca das coisas da vida. Ler *Alice no País das Maravilhas* é um reencontro com nossa infância, e ao mesmo tempo trata-se de um confronto em que a “criança adormecida” que há em nós confronta-nos. Enquanto Alice “cai” na toca do coelho, e é levada para as profundezas do País das Maravilhas, nós ao lermos a obra “caímos” em nós mesmo, melhor, mergulhamos para dentro de nosso interior, onde não habita seres maravilhosos, mas, sim, nossa criança adormecida rodeada de outras versões de nós mesmos, silenciadas e aguardadas em nossas próprias profundezas.

Isso fica evidenciado no diálogo de Alice com a Lagarta, no capítulo 5: Conselhos de uma Lagarta; a Lagarta faz a seguinte pergunta a Alice “Quem é você?”, uma pergunta simples nos parece, mas não é! Não é porque nunca seremos a mesma coisa sempre, mudar é preciso e inevitável. Dotada de uma sabedoria incrível, Alice responde “Eu... já nem sei, minha senhora, nesse momento... Bem, eu sei quem eu *era* quando acordei esta manhã, mas acho que mudei tantas vezes desde então...” (CARROLL, 2009. p.48). A incerteza de Alice nos faz pensar a nosso respeito, enquanto adultos “quem somos (hoje)?” sabemos bem quem éramos. Nós sabemos quem fomos, essa é a certeza que temos, mas quem somos hoje é pura incerteza e o que seremos amanhã (depois) é ainda mais incerto. Sabemos que não somos hoje o que fomos ontem (no passado), e que não seremos os mesmos no amanhã (no porvir/futuro).

Alice é levada a responder esta pergunta “quem é você?” em mais de um momento na obra, e suas respostas estão sempre interligadas com a certeza de quem ela era, isto é, no



passado. No presente Alice é atordoada com as mudanças que a força estar sempre em constante mudança. Neste processo Alice só tem duas certezas: primeira, quem ela fora. Segunda, que as mudanças acontecem e que elas nos impulsionam como uma força motora.

Portanto, ler *Alice no País das Maravilhas* é entender-se um pouco mais. Passado, presente e futuro se entrelaçam na obra, e é Alice quem nos guia nesta viagem, desnudando cada momento de maneira lúdica, fantástica e ainda assim crítica.

AS DIFERENÇAS ENTRE SONHO E DEVANEIO

No início deste trabalho fizemos algumas indagações, entre tais uma acerca da “loucura” de Alice, pois bem, o que muitos chamam de “loucura” ou uma crise de loucura, buscando explicar suas convicções com base no campo psicológico, nós acreditamos se tratar de um devaneio, para compreendermos mais acerca disso, buscaremos embasar nossos argumentos no campo das subjetividades, ou seja, dos estudos literários. Para isso recorreremos à obra do teórico do Devaneio, Gaston Bachelard. No que diz respeito à disseminação do conceito nos estudos de literatura, Bachelard pode ser considerado como “pai” do devaneio, pois discute com muita propriedade este assunto.

Em *A poética do Devaneio*, Bachelard afirma:

Tal é, para nós, a diferença radical entre sonho noturno e devaneio, diferença essa que pertence ao âmbito da fenomenologia: ao passo que o sonhador de sonho noturno é uma sombra que perdeu o próprio eu, o sonhador de devaneio, se for um pouco filosófico, pode, no centro do seu eu sonhador, formular um *cogito*. (BACHELARD, 1988. p. 144).

A primeira diferença que notamos entre sonho e devaneio se fixa no campo da consciência, pois o que sonha, ao sonhar, se perde de si mesmo como o autor afirma torna-se uma sombra que perdeu o próprio eu, logo perdeu a própria consciência, o eu, aquilo que podemos chamar aqui de consciência não está presente, podemos dizer que o sujeito do sonho noturno “vaga” longe de si. O que difere completamente do sonhador de devaneio, que por sua vez, ao devanear permanece consciente a tudo que acontece ao seu redor, podendo até formular, ou seja, criar um cogito, isso de acordo com Bachelard. Contudo, as diferenças não param por aí.



Ressaltando essa perda de consciência que advém do sonho, Bachelard comenta, “O sonho da noite não nos pertence. Não é um bem nosso. É, em relação a nós, um raptor, o mais desconcertante dos raptos: rapta o nosso ser.” (BACHELARD, 1988. p.139), o sonho tem a capacidade de nos raptar, nos transporta para um outro campo, e nesse transpor rapta-nos a consciência, ainda enfatiza que este seja o mais desconcertante dos raptos, pois ele é capaz de raptar o ser. Para Bachelard o sonho não é uma extensão do indivíduo que sonha, bem pelo contrário, ele (sonho) não pertence ao sonhador; se pararmos para analisar à luz da opinião de Bachelard chegaremos a convicção de que é o sonho que nos possui, o sujeito sonhador pertence ao sonho e não o contrário.

Já sabemos que, enquanto sonha o sujeito não está consciente, sua consciência abandona o ser e o sonho rapta-o para outro campo, um campo em que o sonhador não tem controle. Muito bem, estabelecemos até aqui uma importante diferença entre estes dois termos, mas e quanto ao devaneio? Se perguntássemos a Bachelard acerca da consciência durante um devaneio, certamente o autor nos diria, “Noutras palavras, o devaneio é uma atividade onírica na qual subsiste uma clareza de consciência. O sonhador de devaneio está presente no seu devaneio.” (BACHELARD, 1988. p. 144), pronto, está delimitada a diferença: a consciência de quem devaneia está presente junto ao sujeito enquanto este vaga em seu devaneio. Com base no que afirma Bachelard, podemos também interpretar que o devaneio não é capaz de raptar o indivíduo, como o sonho faz.

Mas quando o devaneio se trata de uma “fuga” ou até mesmo uma “viagem” para longe daquilo que podemos considerar “normal”? Pois ao lermos *Alice no País das Maravilhas* é com isso que nos deparamos, a personagem de Carroll transita para além do tempo e do espaço; diríamos que Alice trata-se de uma viagem. Bem, para responder e compreendermos essa questão recorreremos mais uma vez à Bachelard:

Mesmo quando o devaneio dá a impressão de uma fuga para fora do real, para fora do tempo e do lugar, o sonhador do devaneio sabe que é ele que se ausenta – é ele, em carne e osso, que se torna um “espírito”, um fantasma do passado ou da viagem. (BACHELARD, 1988. p.144).

Conforme podemos observar de acordo com o teórico, ainda que o sonhador do devaneio vague/devaneie para longe dos basilares consideravelmente normais, a sua



consciência não o deixará, de antemão o sujeito dotado de sua consciência compreenderá que está em meio a um devaneio.

Eis aqui um dos indícios de que Alice tivera um devaneio e não um sonho, pois mesmo “ausentando-se” do real, do tempo, do espaço e mergulhando numa “viagem onírica”, Alice está conscientemente presente durante todo o tempo: sabendo quem ela é, onde estava, quem são seus familiares.

Entretanto, na perspectiva de Bachelard, outra diferença existente entre sonho e devaneio que cabe ser ressaltada é a seguinte “O sonho noturno, ao contrário do devaneio, quase não conhece essa plasticidade macia. Seu espaço está atravancado de sólidos – e os sólidos sempre trazem de reserva uma hostilidade infalível.” (BACHELARD, 1988. p.162), com isso observamos que dentro do campo do sonho tudo é muito prático, sólido, ou seja, imutável, inflexível. Logo, o sonho não permite a possibilidade de que o extraordinário venha a existir. O sonho é atravancado, baseados em Bachelard podemos chegar a tal compreensão; e quanto ao devaneio? Bachelard responderia “Esse caráter do devaneio é tão verdadeiro que se pode dizer, inversamente: onde existe maleabilidade existe devaneio.” (BACHELARD, 1988. p.162), o devaneio é dotado de flexibilidade, permitindo assim que coisas extraordinárias aconteçam, e nisso ambos: sonho e devaneio também diferem-se.

Muito bem, até aqui propusemo-nos elucidar algumas diferenças que delimitam sonho do que venha ser devaneio. Respaldados dos conceitos bachelardianos compreendemos que o sujeito do sonho perde a consciência ao ser transportado para o campo do sonho; que ao sonhar o sujeito do sonho é raptado; e por último o sonho é atravancado, inflexível. Diante de tais características, o devaneio se caracteriza numa outra perspectiva: no devaneio a consciência não se ausenta daquela que devaneia; o devaneio não se caracteriza quanto rapto, mas como se fosse uma “viagem”, e a última característica é sua flexibilidade, a possibilidade de proporcionar ao sujeito do devaneio a fuga para o extraordinário.

Agora que elencamos algumas diferenças, passaremos para a próxima e última etapa de nosso trabalho: apontar na obra de Lewis Carroll possíveis aspectos em que observamos Alice tendo um devaneio e não um mero sonho noturno, como menciona Bachelard. Há em *Alice no País das Maravilhas* dados momentos que nos possibilitam afirmar que Alice está devaneando.



O DEVANEIO EM ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

O que nos faz pensar que Alice tenha tido um devaneio? Para tentarmos responder a essa pergunta precisaremos fazer um contraponto entre as duas obras, o texto literário de Lewis Carroll, e o aporte teórico de Bachelard: A poética do Devaneio. A obra de Carroll nos dá os indícios de devaneio e a teoria de Bachelard o respaldo necessário para uma possível afirmação.

Como nasce/surge um devaneio? Bachelard nos responde de maneira bem simples:

O devaneio vai nascer naturalmente, numa tomada de consciência sem tensão, num *cogito* fácil, proporcionando certezas de ser por ocasião de imagem aprazível – uma imagem nos deleita porque acabamos de cria-la fora de qualquer responsabilidade, na absoluta liberdade do devaneio. (BACHELARD, 1988. p.145).

De acordo com o referido teórico, o devaneio nasce naturalmente, não é necessário nenhum evento excepcional para que o indivíduo devaneie. Voltando-nos para a obra de Carroll e com um olhar mais atento observamos o momento prévio de Alice devanear: Alice estava começando a se cansar de ficar sentada junto à irmã na margem do riacho, e de não ter nada para fazer. Uma ou duas vezes, tinha dado uma olhada no livro que a irmã estava lendo, mas ele não tinha figura nem conversa. (CARROLL, 2009. p. 13), nota-se que Alice está cercada de muita naturalidade, não há nada de incrível à sua volta. No parágrafo seguinte vemos a pequena Alice tomada pelo tédio “Por isso, estava pensando (do jeito que podia, porque fazia tanto calor que estava morrendo de sono e se achando meio burra)” (CARROLL, 2009. P.13).

Alice pensava em fazer uma guirlanda de margaridas para driblar o tédio que a consumia, mas é neste ponto que algo de inusitado acontece: “[...] de repente, um coelho branco, de olhos cor-de-rosa, passou correndo junto dela.” (CARROLL, 2009), é aqui, com a aparição do coelho que inicia-se o devaneio de Alice.

Nada de diferente ou extraordinário estava acontecendo para que Alice tivesse um devaneio, pelo contrário, estava tudo em completa normalidade. E segundo Bachelard é exatamente cercado de pura naturalidade que tende a nascer um devaneio, outro aspecto é que ao nascer o devaneio dotado de liberdade/flexibilidade nos permite criar imagens que nos



deleita; Alice cria no primeiro momento a imagem do coelho branco. Na página seguinte (14), Alice já compenetrada em seu devaneio e absorta pelo fascínio com a imagem criada (a do coelho), resolve persegui-lo:

Alice deu um pulo. É que, de repente, ela se deu conta de que nunca antes tinha visto um coelho com bolso de colete, nem com relógio para tirar do bolso. Morrendo de curiosidade, saiu correndo atrás dele pelo campo afora, bem a tempo de vê-lo se meter dentro de uma toca enorme, debaixo de uma moita. (CARROLL, 2009. p.14).

É neste instante que Alice embarca de vez em seu devaneio. E daqui em diante a personagem sem envolve nas mais “loucas” e extraordinárias experiências. Para Bachelard o sujeito do devaneio surpreende-se com o próprio devaneio que cria: O sujeito do devaneio pasma-se de receber imagens, fica pasmado, encantado, desperto. (BACHELARD, 1988), é exatamente o que ocorre com Alice, ao ver a figura do coelho branco, a menina que estava entediada com sua realidade, decide persegui-lo, pois a imagem do coelho lhe desperta – vale a ressalva, Alice estava quase dormindo na companhia da irmã – a tal ponta que ela tem um “choque”.

Bachelard afirma: “O devaneio poético é sempre novo diante do objeto ao qual se liga. De um devaneio a outro, o objeto já não é o mesmo; ele se renova, e esse movimento é uma renovação do sonhador.” (BACHELARD, 1988. p. 151), isto explica as motivações para tantas mudanças que acontecem com Alice durante seu devaneio. E Alice enfatiza: “— senhora me desculpe, mas no momento eu não tenho muita certeza. Quer dizer, eu sei quem eu era quando acordei hoje de manhã, mas já *mudei* uma porção de vezes desde que isso aconteceu.” (CARROLL, 2009). As mudanças tornam-se parte recorrente dentro de um devaneio, e isso acontece várias vezes com Alice.

Ao final de seu devaneio Alice desperta, volta à realidade e narra para sua irmã as experiências vivenciadas no País das Maravilhas: Ah, eu tive um sonho tão esquisito! disse Alice. E começou a contar à irmã, tanto quanto podia recordar, todas essas estranhas aventuras que vocês acabaram de ler. (CARROLL, 2009, p.118), Alice comunica à irmã o próprio devaneio, e Bachelard reverbera “No entanto, o isolamento não é assim tão grande e os devaneios mais profundos, mais particulares são muitas vezes comunicáveis. (BACHELARD, 1988).



A irmã de Alice ao ouvir os relatos da menina é também levada a um devaneio:

Mas sua irmã continuou onde estava, com a cabeça apoiada na mão, admirando o pôr do sol e pensando na pequena Alice e em todas as suas maravilhosas aventuras. Até que ela mesma começou a sonhar, a seu modo, e foi este o sonho: (CARROLL, 2009. p. 118).

Conforme afirma Bachelard os devaneios podem ser comunicáveis, observamos isso quando a irmã de Alice devaneia ao ouvir as aventuras de Alice.

Bachelard elucida em sua obra que “Os devaneios, os loucos devaneios, conduzem a vida.” (BACHELARD, 1988), em diálogo com Alice, o Gato, um dos personagens da obra, considera Alice louca, e ambos dialogam acerca da loucura:

“Mas eu não quero me encontrar com gente louca”, observou Alice.

“Oh, não se pode evitar”, disse o Gato, “todos são loucos por aqui. Eu sou louco. Você é louca.”

“Como sabe que eu sou louca?” indagou Alice.

“Você deve ser”, respondeu o Gato, “ou então não teria vindo aqui.” (CARROLL, 2009).

Nota-se que o Gato afirma que todos lá (País das Maravilhas) são loucos, e voltando para o que afirma Bachelard há devaneios loucos, portanto, podemos com isso pensar que de fato Alice tenha tido um devaneio “louco”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos observar, a obra de Carroll trata-se de um devaneio e não de um sonho, conforme Bachelard. Alice não estava “louca”, mas, sim, devaneando para além do tempo e do espaço. A personagem de Carroll mergulhara num devaneio que com base em Bachelard podemos chamá-lo de “louco”, entretanto, não podemos designar para esta “loucura” os aspectos psicológicos, mas os subjetivos, pois Alice é uma personagem de ficção, existente no mundo da subjetividade, isto é, parte de uma obra de ficção, pertencente ao campo de literatura. Portanto, não cabe estabelecermos conceitos concretos; que fique no campo da subjetividade o que é subjetivo, não tendo compromisso com o real, isso é a literatura em sua essência: um devanear. Afinal os “loucos” devaneios conduzem à vida.



REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do Devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. São Paulo: Editora Ática, 2009.